

INTERFACES TEOLÓGICAS

DEUS AMA? UM DIÁLOGO COM JACK MILES

*Carlos Ribeiro Caldas Filho**

RESUMO

Com uma proposta diferente de abordagem ao texto bíblico, utilizando categorias do campo da crítica literária, Jack Miles em *Deus, uma biografia*, pretende apresentar a “biografia” de Deus. Para tanto, utiliza a seqüência canônica da Bíblia hebraica, a *Tanach*. Miles questiona uma das mais tradicionais crenças do cristianismo, a saber, o eterno amor de Deus ao seu povo. O presente texto apresenta um diálogo crítico com a tese de Miles, na perspectiva da interdisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE:

Deus, *Tanach*, crítica literária, amar, teontologia.

INTRODUÇÃO

Nesses tempos, que se convencionou chamar de “pós-modernos”,¹ tem-se observado uma curiosa mudança em termos da produção intelectual no campo das ciências humanas e sociais: a teologia já não se encontra mais na “vanguarda da cultura”,² como fora na Idade Média, ou como foram a filoso-

* *Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil; bacharel em Teologia (Seminário Presbiteriano do Sul); licenciado em Letras: Português/Inglês (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caratinga); mestre em Missiologia (Centro Evangélico de Missões); e doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo). Professor do CPPGAJ.*

¹ Antes de prosseguir, deve-se deixar claro que não é intenção deste texto expor ou comentar criticamente a respeito do amplo e complexo tema da pós-modernidade.

² A expressão “vanguarda da cultura” é de Sire (2001, p. 226-227).

fia ou as ciências exatas na época do Iluminismo³. No lugar desses saberes, a teoria literária foi posta como destaque da cultura pós-moderna. Observam-se, por exemplo, críticos literários fazendo abordagens ao texto bíblico com auxílio não das ferramentas exegéticas tradicionais, e sim, a partir dos pressupostos da própria crítica literária.⁴ A obra *O livro de J* (publicado no Brasil em 1990 pela Editora Objetiva), de Harold Bloom, é um bom exemplo dessa tendência. Como se sabe, o autor é um conhecido crítico literário norte-americano. Trata-se, no caso, de uma reconstrução completamente hipotética e bastante arrojada do processo de confecção do Cânon do Antigo Testamento.

O livro certamente já está sendo alvo de inúmeras críticas contundentes da parte dos exegetas, mormente biblistas que se identificam com princípios teológicos reformados. Outro exemplo que receberá um destaque especial neste artigo é *Deus, uma biografia* (publicado no Brasil em 1997 pela Companhia das Letras), de Jack Miles. O autor é jornalista, integrante do corpo editorial do *Los Angeles Times*. Vale mencionar que ele já foi contemplado com o Pulitzer, uma espécie de Prêmio Nobel do jornalismo nos Estados Unidos. Diferentemente de Bloom, Miles é versado no campo dos estudos bíblicos. Ele doutorou-se em línguas do Oriente Próximo antigo na Universidade de Harvard. Antes disso, estudou teologia (Miles foi jesuíta) nas universidades Gregoriana, de Roma e Hebraica, de Jerusalém. Miles é, portanto, conhecedor tanto de métodos de estudos bíblicos como também de crítica literária. *Deus, uma biografia* apresenta uma proposta que a maioria dos teólogos considerariam por demais ousada: como o próprio título indica, ele pretende apresentar uma “biografia” de Deus.

Para Miles, Deus é o personagem literário mais famoso e influente do mundo ocidental.⁵ Nessa sua busca pela apresentação de uma “biografia”, Miles parte de alguns pressupostos. Um deles é o de que a maneira como os livros canônicos foram ordenados influencia a interpretação que se tem do texto bíblico. Assim, Miles prefere pautar-se não pela seqüência apresentada na *Septuaginta* (proveniente da tradição judaica de Alexandria, por volta do século II a.C.), mas pela seqüência da *Tanach*,⁶ até hoje utilizada pelos judeus.

³ Evidentemente, tanto a teologia, quanto a filosofia e as ciências exatas continuam tendo importância no cenário intelectual contemporâneo.

⁴ Não é o caso de exegetas que lêem a Bíblia como literatura. Para uma introdução à leitura bíblica em perspectiva literária, consultar, *inter alia*, Alter (1981, 1997, 1998), Ryken (1985, 1993), Gunn & Fewell (1993).

⁵ Miles, *op. cit.*, p. 15.

⁶ A palavra *Tanach* é um acrônimo, formado pelas iniciais de Torah (Lei), Neb'im (Profetas) e Chetubim (Escritos), a clássica divisão triplíce da Bíblia hebraica.

Outro pressuposto adotado por Miles é que a *Tanach* deve ser vista como um único livro, de Gênesis a 2 Crônicas. Segundo Miles, é preciso levar em consideração esse aspecto, se quisermos entender a narrativa da vida de Deus. Em sua obra, Miles deixa claro que não pretende falar como teólogo, quer seja bíblico, quer sistemático. Portanto, ele não se prende a quaisquer pressupostos doutrinários ou dogmáticos em sua (re)construção (que, na verdade, é uma desconstrução, bem ao gosto do contemporâneo espírito pós-moderno) de Deus.

O estilo adotado no livro é bastante agradável, revelando a notável erudição do autor. Assim, mesmo sendo um livro de conteúdo denso, que muito exige de seus leitores, *Deus, uma biografia* foi sucesso de vendagem nos Estados Unidos. Além disso, o livro tem o atrativo de ser provocante. Ele apresenta inúmeras teses que podem ser consideradas, no mínimo, bombásticas.

Não se pretende, aqui, travar polêmica a partir de todo o texto de Miles. Afinal, trata-se de uma obra extremamente volumosa e teologicamente complexa.⁷ O presente artigo limita-se a dialogar com o autor, mais especificamente com relação a uma de suas mais ousadas teses, qual seja, a que se refere ao amor de Deus por seu povo.⁸ Contra todo o legado da piedade popular e da reflexão teológica de toda a cristandade, acumulado ao longo de dois milênios de história, Miles defende que Deus não amou desde sempre, mas que ele aprendeu a amar a sua criação aos poucos, em um processo extensivo e lento.

I. DEUS AMA? A OPINIÃO DE MILES

Conforme já mencionado, Miles apresenta em seu livro a idéia de que Deus pouco a pouco aprendeu a amar o homem que criou à sua imagem e semelhança. De acordo com a sua leitura da *Tanach*/Antigo Testamento, não se pode identificar nenhuma manifestação dele nesse sentido, pelo menos até o livro do profeta Isaías. E Miles o formula em termos bastante categóricos:

O amor nunca foi um predicado atribuído a ele (Deus) seja como ato, seja como motivação. Não que ele não tivesse vida emocional. Ele já sentiu ira, desejo de vingança e remorso. Mas nunca amou. Não foi por amor que fez o homem. Não foi por amor que fez sua aliança com Abraão. Não foi por amor que tirou os israelitas do Egito e expulsou os cananeus [...] Não é exagero dizer que, a julgar pelo texto inteiro da Bíblia desde o Gênesis 1 até Isaías 39, o Senhor não sabe o que é o amor.⁹

⁷ Não obstante, há que se reconhecer que essa obra de Miles eventualmente apresenta percepções que poderão ser úteis ao estudioso das Escrituras.

⁸ Miles, op. cit., p. 269-285.

⁹ Op. cit., p. 269-270.

E podemos observar esse estilo um tanto totalitário, quando, seguindo o mesmo raciocínio, Miles assevera ainda: “Igualmente notável, se não mais, é que Deus não sente prazer com nada nem com ninguém”.¹⁰ Contraditoriamente ou não, Miles mesmo chega a citar passagens que dão testemunho exatamente contrário a isso: Gn 8.21, Dt 28.63 (30.9) e 1 Rs 3.10.

Entretanto, Miles é categórico em dizer que é só na época de Isaías¹¹ que o Senhor começa a amar seu povo. E ele identifica esse amor, mais especificamente, no seguinte trecho bíblico:

Não temas, porque não serás envergonhada;
não te envergonhes, porque não sofrerás humilhação;
pois te esquecerás da vergonha da tua mocidade
e não mais te lembrarás do opróbrio da tua viuvez.
Porque o teu Criador é o teu marido;
o Senhor dos Exércitos é o seu nome;
e o Santo de Israel é o teu Redentor;
ele é chamado Deus de toda a terra.
Porque o Senhor te chamou como a mulher
desamparada
e de espírito abatido:
como a mulher da mocidade,
que fora repudiada, diz o teu Deus.
Por breve momento te deixei,
mas com grandes misericórdias torno a acolher-te;
num ímpeto de indignação escondi de ti a minha face
por um momento;
mas com amor eterno me compadeço de ti,
diz o Senhor, teu Redentor (Is 54.4-8).

Como se pode observar, para Miles, o que Deus sente por Israel a essa altura está mais associado à lealdade que une um suserano a um vassalo que fizeram uma aliança do que a um amor propriamente. O que Miles acredita que Deus passa a sentir por Israel é comiseração, devido aos muitos sofrimentos que seu povo passou no exílio (cf. Is 62.4-5). A questão dos sofrimentos passados por Israel leva Miles a falar de um problema ainda mais sério, que tem sido abordado por eminentes filósofos e teólogos, como Boécio (*A consolação da filosofia*) e C. S. Lewis (1983), que o considerou um dos mais difíceis, tanto da teologia, quanto da filosofia: o sofrimento do inocente. Se o Senhor Deus é soberano, por que o inocente sofre?

¹⁰ Op. cit., p. 270.

¹¹ Miles admite a controvertida hipótese do “Segundo Isaías”. Acredita ser o livro de Isaías resultado de composições de diferentes autores.

Para dar conta dessa questão, Miles cita a famosa períclope de Is 52.13-53.12, que descreve o servo sofredor do Senhor. Miles entende, à luz dessa passagem, que o Senhor é soberano e justo, que governa todas as situações, mas, de maneira misteriosa, chega a exigir o sofrimento humano para que seus objetivos sejam atingidos.¹² Esse sofrimento, Miles reconhece, é meritório, no sentido de que há uma certa distribuição da “justiça para todos no final”.¹³

A partir daí, Miles chega à conclusão de que o Senhor só começa a amar, quando ele se dá conta de que o castigo que ele mesmo aplicou ao povo, que foi infiel aos mandamentos e às exigências da aliança, foi pesado demais. Assim, conforme Miles, Deus teria passado por uma espécie de “evolução”: enquanto ele estava só no universo, não tinha a quem amar, depois ele aprende o que é sentir compaixão para, só então, aprender a sentir *amor* propriamente dito.

II. AVALIAÇÃO DA POSIÇÃO DE MILES

Uma vez apresentada a tese de Miles, passemos, sem mais, a dialogar criticamente em torno dela. Como foi expresso no início deste texto, Miles não aborda o texto da *Tanach* como teólogo, e sim como crítico literário. Entretanto, há de se reconhecer e admitir, no mínimo, que, mesmo que esse não tenha sido seu desejo ou sua intenção, Miles efetivamente acaba por ingressar no campo da teologia. E isso nos autoriza metodologicamente a tecer algumas reflexões críticas teológicas em relação às suas idéias, além do que este artigo pretende trabalhar na perspectiva da interdisciplinaridade.

Miles apresenta, em sua teologia (na verdade, em sua teontologia), um Deus limitado, que tem dificuldade para lidar com as conseqüências de suas ações e que aprende na base da tentativa e erro. Miles afirma que, à semelhança da humanidade, Deus “é dolorosamente incapaz de prever o seu fim em seu princípio”¹⁴. É quase desnecessário mencionar que, se considerarmos o todo da revelação bíblica, jamais localizaremos uma apresentação de Deus como essa. Miles é indiferente ao fato de a Bíblia ser ou não revelação de Deus (idem, p. 16). Tal indiferença não é compartilhada por teólogos reformados, que crêem que a Bíblia é de fato, revelação de Deus (cf., *inter alia*, *Confissão de Fé de Westminster*, c. 1).

Procuraremos, neste diálogo com Miles, considerar, posto que em síntese, uma conjugação de elementos teológicos e literários. E é preciso men-

¹² Op.cit., p. 281.

¹³ Idem. Observe-se que Miles não deixa claro se aceita ou não o aspecto messiânico de Is 52.13-53.12.

¹⁴ Op.cit., p. 285.

cionar, antes de mais nada, que a teontologia que Miles efetivamente pratica, é, no mínimo, ousada. Como mencionado anteriormente, Miles crê que Deus aprende a agir de acordo com as conseqüências de suas ações e, principalmente, do seu relacionamento com o homem que criou à sua própria imagem e semelhança. Ele chega até mesmo a sugerir que Deus já tenha sido imperfeito e bastante limitado:

Observando o trajeto completo da história de Deus até este ponto, o que nós podemos concluir é que a consciência que Deus tem de si mesmo é muito imperfeita e que é tênue o controle que exerce sobre as conseqüências de suas palavras e atos. Do ponto de vista do próprio Deus, ele só tira uma conclusão por vez, e quase sempre tateando depois do fato.¹⁵

Assim sendo, Miles demonstra ter um conceito reducionista de Deus. Na prática, não obstante a sua expressa e reiterada vontade de não fazer teologia, Miles parece se aproximar da produção teológica, vinda a lume na segunda metade do século XX e que ficou mais conhecida como “teologia do processo”¹⁶, a qual, como se sabe, é uma dissidência do teísmo clássico ao negar atributos divinos tradicionais, como a soberania de Deus. Miles também parece aproximar-se bastante da construção teológica de Pinnock, que nega a formulação clássica do tradicional atributo divino da onisciência, ou seja, da capacidade de Deus conhecer todas as coisas em todos os momentos.¹⁷

Formulações teológicas como essas certamente constituem dissidências do teísmo clássico, patrimônio teológico compartilhado igualmente por católicos romanos, ortodoxos orientais e protestantes. Como mencionado alhures, Miles crê que o Senhor Deus não ama desde o princípio, e atribui isso ao fato de ele ser um grande solitário cósmico, sem ninguém com quem se relacionar. Os que não crêem em um Deus trino poderá concordar com Miles, mas a teologia cristã, pelo menos desde a época dos assim chamados “Pais Capadócijs”, Gregório Nazianzeno (330-390) e dos irmãos Gregório de Nissa (335-385) e Basílio Magno (330-379),¹⁸ pelo menos, reconhece que,

¹⁵ Op. cit., p. 284.

¹⁶ Para uma introdução a este tema, consultar *inter alia*, Cobb Jr. & Griffin (1976). Para uma crítica à teologia processual, consultar, *inter alia*, Geisler (1983, p. 193-220; 1984, p. 247-284).

¹⁷ Pinnock (1989, p. 173-197). Interessante observar que a conhecida Evangelical Theological Society dos Estados Unidos (uma sociedade profissional de biblistas e teólogos comprometidos com a autoridade das Escrituras) recentemente rejeitou esta opinião defendida por Pinnock e outros. Para detalhes, consultar. The openness of God view rejected by the ETS [on line]. Disponível: <http://www.banneroftruth.co.uk/articles/2001/12/openness.htm> [capturado em 24 jan. 2002].

¹⁸ Para mais detalhes, consultar, *inter alia*, Manzanares (1995, p. 54-6; 115-118); Hall (2000, p. 66-90).

desde a eternidade, Deus relaciona-se em amor consigo mesmo. Embora a *Tanach* não apresente o conceito de trindade de maneira tão explícita quanto o Novo Testamento, este é certamente um importante conceito imanente ao texto.¹⁹ Portanto, a teontologia ortodoxa reformada, em consonância com o teísmo clássico, rejeita totalmente a teontologia de Miles.

Quanto à dificuldade de Miles em aceitar o fato de que Deus desde o princípio ama suas criaturas, há de se ter em conta os próprios contra-exemplos que Miles mesmo cita. Todos eles refutam a sua afirmação contundente (que ele toma como verdade absoluta) de que, na longa seqüência que vai da criação à queda de Jerusalém, Deus tivesse até agido a favor de seu povo, mas sem amor.²⁰ Ademais, a Torah já ordenava ao povo da aliança a amar o seu Deus acima de tudo (Dt 6.5, texto que será citado mais tarde no Novo Testamento pelo Senhor Jesus: Mt 22.37; Mc 12.30; Lc 10.27).

Considerando que Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança (Gn 1.26-27) e, portanto, com capacidade de atender ao seu maior mandamento de amar, é razoável admitir que Deus, sendo o Criador, também tem capacidade de amar. Não é certamente por acaso que o povo de Israel cantava: “Rendei graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre” (Sl 136.1). E não sem razão, séculos mais tarde o Novo Testamento afirmará que todo amor procede de Deus (1 Jo 4.7), pois Deus mesmo é amor (1 Jo 4.8), e logo em seguida que “nós amamos, porque ele nos amou primeiro (v. 19).

Assim, ao que tudo indica, a argumentação de Miles parece fundamentar-se mais em algum remorso pessoal e incapacidade de lidar com a tensão do dilema do sofrimento humano do que em provas textuais concretas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida de que Miles é bastante provocativo com suas apaixonadas afirmações. Por mais que a sua argumentação seja pouco relevante para o campo da teologia, é preciso levar em conta que as suas idéias estão sendo divulgadas à farta. A maioria dos artigos, *papers* e resenhas escritas a partir de sua obra não lhe poupa elogios. Daí considerarmos importante à academia teológica reformada brasileira examinar criticamente as conclusões de obras como essa, no que têm de positivo e no que não podemos jamais aceitar como teólogos, muito menos como cristãos. Por mais que se possa questionar a crença em um Deus que ama, concepção essa que faz parte do patrimônio comum às tradições judaica e cristã, por uma simples

¹⁹ Para mais detalhes, consultar, *inter alia*, Sousa (1996, p. 58-60).

²⁰ Op. cit., p. 271.

questão de coerência e de honestidade intelectual, é necessário considerar o que as Escrituras de fato afirmam, a despeito das especulações apaixonadas de Miles: o Deus eterno ama desde o princípio e por toda a eternidade.

REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert. *The Art of Biblical Narrative*. New York: Basic Books, 1981.
- _____. & KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Ficker. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.
- _____. *Em espelho crítico*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BLOOM, Harold. *O livro de J*. Trad. Monique Balbuena. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- BOÉCIO. *Consolação da filosofia*. Trad. William Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- COBB JR., John B. & GRIFFIN, David Ray. *Process Theology: An Introductory Exposition*. Philadelphia: Westminster Press, 1976.
- ETS. The openness of God view rejected by the ETS [onb line]. Disponível: <http://www.banneroftruth.co.uk/articles/2001/12/openness.htm> [capturado em 24 jan. 2002]
- GEISLER, Norman. A teologia do processo. In: GUNDRY, Stanely N. (Ed.). *Teologia contemporânea*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
- _____. Process Theology and Inerrancy. In: LEWIS, Gordon R. (Ed.). *Challenges to Inerrancy: A Theological Response*. Chicago: Moody Press, 1984.
- GUNN, David & FEWELL, Danna Nolan. *Narrative in the Hebrew Bible*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- HALL, Christopher. *Lendo as escrituras com os Pais da Igreja*. Trad. Rubens Castilho. Viçosa: Ultimato, 2000.
- LEWIS, C. S. *O problema do sofrimento*. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
- MANZANARES, Cesar Vida. *Dicionário de patrística*. Trad. Francisco Costa. Aparecida: Santuário, 1995.
- MILES, Jack. *Deus, uma biografia*. Trad. José R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PINNOCK, Clark. Deus limita seu conhecimento. In: BASINGER, David & BASINGER, Randall (Eds.). *Predestinação e livre-arbítrio*. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.
- RYKEN, Leland. *How to Read the Bible as Literature*. Grand Rapids: Zondervan, 1985.

- _____. *The Complete Literary Guide to the Bible*. Grand Rapids: Zondervan, 1993.
- SIRE, James. *O universo ao lado. Um catálogo de cosmovisões*. Trad. Rubens Castilho. São Paulo: Editorial Press, 2001.
- SOUSA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração. Ensaio sobre a trindade e a espiritualidade cristã*. Curitiba: Encontro, 1996.

ABSTRACT

Literary critic Jack Miles, in his best-seller *God, a Biography*, uses a different approach to the Bible text. Miles' book intends to present a "biography" of God. In this trial, Miles follows the canonical order of the *Tanach*, the Hebrew Bible. Miles presents a bold suggestion, when he criticizes the wide accepted notion of the eternal love of God to his people. This essay is a critical dialogue with Miles' idea.

KEYWORDS

God, *Tanach*, literary criticism, to love, theonology.